

Odúvaldo Vianna filho e a tragédia

Maria Sílvia Betti*

*Professora livre-docente do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP, Área: Inglês. E-mail: mariasilviabetti@gmail.com

Em 1973, Oduvaldo Vianna Filho escreveu “Medéia”, texto teledramatúrgico criado para o programa “Caso Especial”, da Rede Globo de Televisão. Nele Vianna contextualizava a tragédia de Eurípidés nos morros cariocas e na contemporaneidade do país sob a ditadura. Sua morte prematura não lhe permitiu transpor esse trabalho para o teatro, o que acabou sendo feito por Paulo Pontes, seu ex companheiro do grupo Opinião, em parceria com o compositor Chico Buarque de Hollanda. Do trabalho televisivo deixado por Vianna nasceria o musical “Gota d’Água”, um dos marcos do teatro brasileiro da década de 1970.

Em uma de suas últimas entrevistas, concedida ao jornalista Ivo Cardoso para a revista *Visão*, Vianna falou com ênfase sobre o papel político da tragédia. Para ele, nessa terrível fase do país sob a ditadura, a tragédia, por estimular a análise, propiciava uma percepção dos impasses do presente e o enfrentamento deles, passo indispensável para que fossem superados. *Olhar nos olhos da tragédia* era encará-la de frente para superá-la. Tão incisivas e instigantes foram as suas considerações sobre o assunto, que a matéria sobre a entrevista foi publicada na revista com o título de “Os olhos da tragédia”,¹ enfatizando a relevância que o assunto havia assumido em seu trabalho.

Outro texto em que Vianna apresenta considerações importantes indiretamente relacionadas à tragédia viria a ser publicado apenas vários anos após sua morte: tratava-se de um documento inacabado composto por dois esboços

originalmente pensados como partes de um Prólogo para “Rasga Coração”, seu último trabalho. Vianna não os utilizou na versão final da peça, mas o documento foi incluído com o título de “Prólogo Inédito para Rasga Coração” na antologia organizada por Fernando Peixoto em 1983².

Texto instigante e denso, repleto de truncamentos e repetições de cunho claramente experimental, esse Prólogo define, logo no início, coordenadas para a relação entre teatro e público, e assim faz remissão à Grécia antiga, contexto de origem da tragédia³.

A ideia de destino, inerente à concepção trágica, é evocada logo no início⁴, assim como a própria natureza constitutiva do teatro⁵. Longe de corroborar uma visão universalizante e essencialista, Vianna ressalta seu caráter contingente e determinado: o destino depende da forma como o entendemos, e o entendimento é fruto da contemplação e da gratuidade⁶, que permitem flagrar no corriqueiro e no habitual outros significados reveladores⁷. Contemplar desencadeia percepções críticas no que diz respeito ao público, e envolve uma definição de princípios por parte dos artistas⁸. As formas tidas como definitivas, são, na verdade, transitórias e resultantes da ação humana, e não de formulações perenes e inelutáveis.

Sem que a tragédia esteja nominalmente referida, o desvendamento analítico associado a ela está implícito naquilo que Vianna considera o objetivo principal a ser perseguido⁹. O processo artístico visado tem caráter dialético por excelência pois não se legitima por meio de metas pré definidas, e sim por meio do que Vianna denomina gratuidade¹⁰, que poderia

ser entendida como uma abertura integral e auto-consciente de espectadores e de artistas à observação do fluxo de circunstâncias do real¹¹.

Dentro dessa perspectiva, a ideia de uma condição trágica e aprisionante do ser humano é vista por Vianna como resultado do entendimento comumente aceito de que a assim chamada psicologia de cada indivíduo seria fruto de suas escolhas pessoais, e não de todo um conjunto de determinações históricas e de imposições ideológicas que lhe vão sendo impostas ao longo da vida¹². Para Vianna, essa psicologia tem o caráter coercitivo e determinante contido na ideia de destino criticada¹³. Enxergá-la de forma crítica é tarefa necessária para a sua superação, processo sintetizado quando ele observa que “olhar nos olhos da tragédia” é fazer que ela seja dominada. Pode-se, assim, perceber claramente o quanto a concepção de tragédia inerente ao pensamento de Vianna, por seu cunho dialético e por sua perspectiva historicizada, distingue-se da postulada pela maioria de seus contemporâneos.

Referências

PEIXOTO, Fernando. *Vianinha. Teatro. Televisão. Política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Rasga coração*. São Paulo: Temporal, 2018

Notas

¹Entrevista a Ivo Cardoso. In: PEIXOTO, Fernando. *Vianinha. Teatro. Televisão. Política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²“Prólogo inédito para Rasga Coração”. In: PEIXOTO, Fernando. *Vianinha. Teatro. Televisão. Política. Op. cit.*

³ “Esperamos que os senhores não se inquietem com um início de espetáculo tão desavisado garantimos que não se trata de novidade os gregos inventaram esses prolegômenos talvez porque necessitassem prender a atenção de seu público que vinha das ruas sujas de Atenas, temendo os deuses e seus obscuros desígnios perturbados com seus feridos de guerras constantes com os levantes dos escravos.” (“Prólogo Inédito”. In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Rasga coração*. São Paulo: Temporal, 2018, p. 163).

⁴ “Os prólogos geralmente lembravam que só escapa do furor cego do destino quem não procura fugir dele.” (In VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Rasga coração. Loc. cit.* p. 163).

⁵ “Um teatro é o único lugar em que estamos presentes não estando em que participamos dos acontecimentos que entretanto só acontecem porque não estamos neles É uma sensação doce demais, descoberta dos gregos quando descobriram que o destino depende da maneira como o entendemos.” (In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Op. cit.* p. 164.)

⁶ “É uma sensação que não queremos transgredir inclusive, porque achamos que só nesse estado desavisado, descontraído, blandicioso poderemos deixar alguns talentos em sua alma que sirvam para medir os tamanhos reais da vida Esperamos que essa doce sensação de gratuidade à saída do teatro, amanhã nas ruas, as coisas corriqueiras ganhem outro significado para os senhores apareçam fora dos seus gestos habituais.” (In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Loc. cit.*)

⁷ “Se isso acontecer, se de alguma forma tivermos aberto a sua segurança para sentir que as definitivas formas da vida são transitórias formas que nós criamos.” (In VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Loc. cit.*)

⁸ “De qualquer forma, não pretendemos inquietá-lo aqui é um lugar de repouso e contemplação

Não queremos a sua participação
os únicos profissionais neste teatro estão no palco
Talvez à saída do teatro, amanhã nas ruas,
a sua participação possa se tornar mais firme, mais
dominada,
mais imperiosa.” (In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Loc. cit.*)

⁹ “viemos para compreender
obstinados procuradores da compreensão
a compreensão parece que é uma forma de debilitamento
da ação
um enfraquecedor da luta
ao contrário, achamos que é o seu deflagrador.” (In: VIANNA
FILHO, Oduvaldo. *Op. cit.*, p. 165).

¹⁰ “nosso objetivo é a gratuidade
a gratuidade é a máxima aspiração do homem
a gratuidade não é a ignorância da realidade
é o seu controle”. (In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Op. cit.*, p.
166)

¹¹ “o voo do pássaro não refuta a lei da gravidade, confirma-a
não queremos a sua energia física
queremos a energia psíquica
esperamos que ela corcoveie dentro de você.
Enlambuzem-se aí por dentro os seus sentimentos de mundo
e os desse espetáculo
que briguem, odeiem, encontrem-se e se repilam.” (In:
VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Loc. cit.*).

¹² “não queremos portanto exortá-lo
a deixar de ser como é
queremos provar que você tem que ser como é
que a sua psicologia não é a sua escolha,
é o seu destino, é o seu fardo,
a sua raiz.” (In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Op. cit.*, p. 167).

¹³ “estamos aqui para nos contemplar a nós mesmos
alegre e ferozmente
porque temos certeza que o homem é o único ser capaz de
suportar a sua divisão
Interior e desfazer-se do homem dentro de si que não o deixa
ser humano.” (In: VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Loc. cit.*).